

NARRATIVAS HISTÓRICAS PRESENTES EM UM PODCAST: História Pública da Ditadura Militar no História FM

Historical Narratives presents in a podcast: Public History of the military dictatorship in
the História FM

Juliana de Almeida Rocha⁴⁴

Resumo: O podcast tem se mostrado proeminente para realizar discussões sobre História, principalmente por permitir passar mais informações, com produções maiores, mas também por possuírem um conteúdo mais aprofundado, com debates historiográficos e com a participação de especialistas nos temas discutidos em cada episódio. Nesse contexto, este artigo, que é um recorte da minha pesquisa de mestrado em andamento, busca analisar quatro episódios do podcast História FM, que falam sobre a Ditadura Militar, e com base neles pensar as relações entre História Pública e Didática da História. O estudo vai analisar de que modo diferentes grupos sociais construíram narrativas sobre a Ditadura Militar, usando a tipologia da narrativa histórica de Jorn Rusen (2010).

Palavras-chave: Ditadura Militar, História Pública, Narrativas Históricas, Didática da História

Abstract: The podcast has proven to be prominent for discussions about History, mainly because it allows more information to be passed on, with larger productions, but also because it has a more in-depth content, with historiographical debates and with the participation of experts in the topics discussed in each episode. In this context, this article, which is an excerpt from my ongoing master's research, seeks to analyze four episodes of the podcast História FM, which talk about the Military Dictatorship, and based on them to think about the relations between Public History and Didactics of History. The study will analyze how different social groups constructed narratives about the Military Dictatorship, using the typology of the historical narrative of Jorn Rusen (2010).

Keywords: Military Dictatorship, Public History, Historical Narratives, Didactics of History

⁴⁴ Graduada em História pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR), mestranda em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7697140761499299>. Bolsista Facepe. Email: juliana.rochar2d2@gmail.com

Introdução

A palavra podcast nasce da união de outras duas palavras: *Ipod* e *broadcast* (Bueno; Fonseca, 2020; Rodrigues, 2021), o primeiro termo se refere a um aparelho de reprodução de som, desenvolvido pela empresa Apple (Franzão, 2021). O segundo termo se refere ao ato ou capacidade de transmitir ou difundir algo, desse modo, o podcast é entendido como uma tecnologia que permite a transmissão de arquivos no formato de áudio. O que diferencia essa tecnologia das rádios é a possibilidade de baixar os arquivos, isto é, enquanto os programas de rádio só podiam ser ouvidos no momento de sua transmissão ao vivo, os podcasts podem ser salvos nos celulares, Ipods ou computadores dos consumidores, tornando-se, assim, uma mídia que pode ser acessada a qualquer momento.

Em 2004, o podcast surge como uma tecnologia em formato de mídia via feed RSS (*Really Simple Syndication*) (Luiz; Assis, 2010; Souza, 2017), que permite aos usuários terem acesso ao conteúdo na imediatez de sua publicação, como se fosse uma assinatura, na qual você assina o conteúdo e tem acesso a ele pela ordem de publicação, do mais recente para o mais antigo. Inicialmente os podcast tinham seus arquivos compartilhados em blogs, mas atualmente os produtores também disponibilizam os seus conteúdos em seus sites ou aplicativos, como o Spotify e iTunes, e os seguidores seguem tendo a opção de ouvir os episódios on-line ou baixá-los em seus dispositivos, mas sempre podendo escolher entre ouvir o conteúdo logo quando ele é publicado ou em outro momento.

O surgimento de aparelhos portáteis com a capacidade para armazenar e reproduzir esse tipo de mídia – como os Ipods e, posteriormente, os próprios smartphones – foi alterando o cenário que existia até então e levou a uma melhoria dessa tecnologia, que tornou mais automático, simples e prático o consumo de podcasts. A partir desse momento vão surgir os chamados “agregadores”, que são programas que usam a tecnologia RSS, que já era usada nos blogs, para transmitir os arquivos de áudio, são exemplos desse tipo de aplicativo o Deezer, Spotify e também o YouTube.



Por ser um tipo de mídia composto apenas por áudio, o podcast possui um baixo consumo de dados (Bueno; Fonseca, 2020, Rodrigues, 2021), tanto para consumi-lo on-line quanto para fazer o seu download, o que o torna mais acessível do que arquivos em formato de vídeos, que são produzido para YouTube e consome mais internet do usuário. Além disso, a produção de podcast também exige poucos recursos, como um microfone, fones de ouvido, um programa de edição de vídeo e um blog ou aplicativo, como Spotify, para publicação dos episódios. Essa facilidade de acesso e produção criou um ambiente de produção variado, com projetos tanto independentes quanto ligados a veículos da mídia tradicional, como o Café da Manhã, que pertence à Folha de São Paulo e o História FM, produzido pelo historiador Icles Rodrigues.

Uma das principais diferenças dos podcasts para os programas de rádio são as diferentes possibilidades de mediações que esse formato permite. Essas interações dos ouvintes com os produtores pode acontecer por meio da leitura durante o programa de alguma contribuição do ouvinte, que pode ser uma pergunta, um comentário ou uma correção de alguma informação que foi falada em outro momento. As redes sociais do apresentador ou do próprio podcast também servem como um meio recente de interação, entre quem escuta e quem produz esse tipo de mídia. Muitas vezes os produtores podem usar as redes sociais para fazer perguntas sobre temas que eles querem discutir em um episódio, questionando o interesse do público sobre o assunto ou possíveis dúvidas que eles possam ter, dessas mediações o produtor pode desenvolver o roteiro do programa contando com uma participação do seu público. Desse modo, os ouvintes deixam de ser apenas consumidores passivos e passam a ter uma influência sobre a forma e os temas que vão aparecer nos podcasts.

Como outros tipos de mídia, os podcasts possuem formatos muito distintos, eles podem ser curtos ou possuir episódios de mais de uma hora, podem ser realizados no formato de entrevistas, abordar notícias, falar sobre questões da cultura pop, da vida pessoal dos apresentadores e convidados ou sobre História.



A Associação Brasileira de Podcasters mostrou em uma pesquisa de 2019 (Apod, 2019), que os cinco temas mais consumidos pelos ouvintes de podcasts no Brasil são: Cultura Pop, Humor e Comédia, Ciência, História e Política. Assim, aos poucos a história tornou-se um tema frequente em podcasts e os historiadores passaram a fazer mais participações em programas que abordam a história de modo esporádico e mesmo a produzir seus próprios podcasts.

Desse modo, o podcast tem se mostrado proeminente para realizar discussões sobre História, principalmente por permitir passar mais informações, com produções maiores, mas também por possuírem um conteúdo mais aprofundado, com debates historiográficos e com a participação de especialistas nos temas discutidos em cada episódio. Em menos de 20 anos, a História se tornou uma das temáticas mais ouvidas pelo público brasileiro que consome podcasts (Apod, 2019; Bechler et al., 2022), o que ressalta a relevância e o interessante que a população tem sobre a área da História. Essa busca por conteúdos históricos levou a História a passar de uma temática que aparecia às vezes em podcasts, para uma das mais consumidas e que mais se produz programas específicos sobre a área.

Nesse contexto, este artigo, que é um recorte da minha pesquisa de mestrado em andamento, busca analisar quatro episódios do podcast História FM, que falam sobre a Ditadura Militar, e com base neles pensar as relações entre História Pública e Didática da História. O estudo vai verificar de que modo diferentes grupos sociais construíram narrativas sobre a Ditadura Militar, usando a tipologia da narrativa histórica de Jorn Rusen (2010), que se divide em quatro tipos de narrativa: a tradicional, a exemplar, a crítica e a genética. Essa classificação vai permitir uma melhor compreensão da forma como diferentes grupos entendem a ditadura e também usam elas em seus discursos, isto é, vamos pensar os usos que são feitos do passado por meio da ditadura.

Ao pensar a relação da História Pública e Didática da História, estamos considerando o podcast História FM como um produto de História Pública, mas também como uma ferramenta de educação histórica que não faz parte dos meios tradicionais de



ensino. Desse modo, entendemos que a consciência e as narrativas históricas (Rusen, 2010) que os indivíduos desenvolvem ao longo de sua vida não são construídas apenas no ambiente acadêmico e escolar, mas, sim, que elas estão em constante transformação, pois as pessoas tem contato com conteúdos históricos em diversos ambientes e isso traz reflexões e novas formas de interpretar fatos, acontecimentos e cria novos entendimentos do papel de indivíduos como sujeitos históricos. Nesse contexto, a ditadura seria para o Brasil um dos períodos históricos, que por se tratar de um passado traumático, ainda apresenta muitas disputas de narrativas em diversos níveis, como o cultural, o político e o familiar.

A história contada pelo e para o público: História Pública e História em podcasts

A função do historiador nunca se limitou aos ambientes institucionais de ensino e pesquisa, como escolas e universidades, pois o seu trabalho tem uma dimensão pública, como comprova o caso de Leopold von Ranke, que no século XIX foi o historiógrafo oficial do Conselho Prussiano (Carvalho, 2016). Em decorrência disso, alguns historiadores apontam que há muito tempo existe um tipo de história que pode ser entendida como História Pública. Mas foi na década de 1970, nos Estados Unidos e na Inglaterra, que a discussão sobre esse tema ganhou mais destaque entre os pesquisadores (Fagundes, 2017).

Na Inglaterra, a discussão foi pautada com base nos movimentos sociais, e apresentou uma perspectiva dos possíveis usos públicos do passado e de uma história voltada para fins políticos e ideológicos (Carvalho, 2016). “Os historiadores ingleses cultivaram a prática de uma história voltada para a inter-relação entre memória e narrativa, valorizando a construção de identidades coletivas” (Almeida; Rovai, 2013, p. 1). Os historiadores na Inglaterra se voltaram para questões locais para entender as diversas maneiras que o passado pode ser interpretado e usado por diferentes grupos sociais. Já nos Estados Unidos existia uma tradição muito forte de historiadores fazerem trabalhos em outros ambientes que não fosse o acadêmico, e isso vai influenciar diretamente no entendimento deles sobre o que seria História Pública, que nesse



momento “foi reconhecidamente uma iniciativa ligada à empregabilidade de historiadores” (Fagundes, 2017, p. 2). Nos EUA, se pensava na atuação dos profissionais para além do ambiente acadêmico, em empresas privadas, órgãos do governos e ONGs.

Enquanto isso no Brasil, um dos marcos iniciais da História Pública foi o “Curso de Introdução à História Pública”, ofertado em 2011 pelo professor Ricardo Santhiago, na Universidade de São Paulo, com o objetivo de tratar de questões práticas, como apresentar os princípios básicos do trabalho em arquivo e como trabalhar em conjunto história e audiovisual. O foco era divulgar esse campo e mostrar as possibilidades de introdução do profissional no mercado de trabalho, além de falar sobre a inserção da história nas mídias (Carvalho, 2016). Assim, a discussão sobre História Pública encontra no Brasil de 2011 um cenário muito diferente da Inglaterra e Estados Unidos dos anos 1970, devido à popularização da internet, nos anos 2000, e das redes sociais, na década seguinte, que se tornaram uma parte cotidiana na vida da população.

Uma das principais tecnologias desenvolvidas no início do século XXI e que faz parte do cotidiano de muitas pessoas foi o podcast, que surgiu em 2004 (Luiz; Assis, 2010; Souza, 2017) e nos primeiros anos conteúdos históricos não se destacavam nesse formato. Os primeiros aparecimentos da história foram em podcasts que não tratavam especificamente dessa área, como o nerdcast, que fala sobre cultura pop de modo geral e é um dos maiores podcasts do Brasil. Nele a história apareceu nos episódios 39 “Senta a pua”, que abordou a Segunda Guerra Mundial e no episódio 41 “Todos os Nerdcasts levam a Roma”, que se discutiu a história do Império Romano por meio da série Roma da emissora HBO, ambos de 2006 (Souza, 2022). Ainda assim, cabe destacar que os episódios citados não contavam com a participação de um profissional da área de História, isso aconteceu pela primeira vez no nerdcast em 2009, no episódio 185 “Histórias do Brasil: Ditadura Militar”, que teve a presença da historiadora Martina Spohr, demonstrando a importância que ditadura tem no cenário nacional e marcando o início da inserção de historiadores em podcasts.



Nesse contexto, debates que antes muitas vezes ficavam presos na academia passaram a ser realizados juntos a um amplo público, que assim como os ouvintes de podcasts de outras áreas, também interagem e influenciam na construção dos episódios dos programas sobre História. É por essa perspectiva que entendemos o podcast como uma ferramenta de História Pública, a partir do momento em que ele torna pública as discussões que envolvem os profissionais da área, levando de uma forma mais acessível a ciência histórica para a população, mas não de uma forma simplista. Segundo Noiret (2015), a internet possibilitou uma aproximação dos profissionais com o público em geral, o que gerou formas de interação mais diretas entre eles e permitiu uma participação mais ativa na construção da historiografia.

A apropriação dessa tecnologia por historiadores não significou que não profissionais tenham deixado de falar sobre história, o que acontece agora é que os conteúdos produzidos por esses dois grupos coexistem e disputam a atenção do público. Vemos esses dois tipos de produção como formas de história pública, a diferença é que uma delas é produzida pelo público e para o público e a outra surge de uma ampliação da atuação dos historiadores profissionais, o segundo tipo é o foco da análise deste artigo. Com o podcast os historiadores ganharam mais um espaço para abordar a história de modo geral, mas também para falar sobre as suas pesquisas específicas e, principalmente, lutar contra conteúdos históricos negacionistas, racistas ou que possuam qualquer outro tipo de problema que colabore para a construção de uma consciência histórica carregada de preconceitos e interpretações negacionistas.

Isso também não significa que apenas a produção dos profissionais possa ajudar na construção de uma história crítica, mas cada vez mais vemos produções de grupos de extrema direita que negam, deturpam e criam revisionismos históricos problemáticos e incorretos, esses conteúdos, sim, devem ser combatidos. Segundo Carvalho e Teixeira (2019) a internet e as redes sociais acabaram aumentando em um nível não imaginado antes, o embate entre historiadores e a população, o que levou a uma ampliação do debate sobre a questão da autoridade na história. A questão é que os historiadores nunca tiveram



uma autoridade completa sobre a história, mas as redes sociais e a internet possuem uma capacidade de potencialização de discursos negacionistas que afetam diretamente o trabalho dos historiadores e muitas vezes acabam se sobrepondo a produção historiográfica, deslegitimando o trabalho dos especialistas.

Neste cenário, a produção de podcasts por historiadores tem crescido cada vez mais, o que mostra a carência que a sociedade tem de produções que abordam temas históricos e como a História Pública no Brasil possui uma ligação muito forte com a internet e as redes sociais. Atualmente existe uma diversidade de formas nas quais a História aparece em podcast, seja naqueles que a abordam de forma esporádica e não são produzidos por historiadores, mas mesmo entre os profissionais o modo como a História é apresentada é muito diversa, o que se relaciona com os interesses e objetivos que os historiadores têm com a sua produção, no alcance que buscam ter, em suas pesquisas e interesses pessoais.

Alguns dos programas mais conhecidos no Brasil são: o História FM, podcast produzido pelo historiador Icles Rodrigues, o apresentador aborda diversos temas como a Ditadura Militar Brasileira e Idade Média, além disso, em alguns episódios é lida uma pergunta de um ouvinte sobre o tema em discussão. Rodrigues também responde questões sobre os episódios e sobre temas históricos de modo geral no perfil oficial do podcast no Instagram⁴⁵ e usa esse espaço para divulgar os episódios novos e outros trabalhos que ele realiza. Outra produção é o História em Meia Hora, criado pelo historiador Vitor Soares, que também aborda temas diversos, como as grandes navegações e as Olimpíadas, no perfil do podcast no Instagram⁴⁶, o apresentador também tem um canal de comunicação com os seus ouvintes e compartilha partes pequenas dos episódios para divulgá-los. O História Pirata é produzido por dois historiadores, Daniel Gomes de Carvalho e Rafael Verdasca, que abordam temas da história do Brasil e mundial e sobre a própria atuação dos historiadores na internet, no perfil do podcast no

⁴⁵ <https://www.instagram.com/obrigahistoria/>

⁴⁶ <https://www.instagram.com/historiaemmeiahora/>



Instagram⁴⁷, os produtores divulgam os episódios e outros trabalhos que fazem e também acontecem interações com o público. O História Preta, produzido pelo historiador Thiago André, é um programa narrativo e documental que fala sobre a memória histórica da população negra no Brasil e no mundo, André também utiliza o Instagram⁴⁸ do podcast para divulgar os episódios, responder questões do público e interagir de modo geral com os ouvintes.

Um tema comum a todos esses podcasts é a Ditadura Militar Brasileira (1964-1985), que é abordada de diferentes formas, seja falando sobre a trajetória de políticos ou de militantes de oposição à ditadura, abordando a corrupção e tortura, sobre o período de modo mais geral, indo do Golpe de 1964 até a redemocratização, e também a atuação da população negra nesse momento. Desse modo, vemos como temas que ainda não foram “superados” pelos brasileiros e que ainda possuem uma memória e história em disputa, seguem sendo temas atuais e que geram debates em diversos âmbitos da sociedade brasileira. Essa atualidade e disputa do tema foi notada em 2019, quando o então presidente Jair Bolsonaro determinou que o Ministério da Defesa organizasse as “comemorações devidas” no aniversário de 55 anos do golpe de 1964. Bolsonaro foi o primeiro presidente desde o fim da ditadura a falar sobre a comemoração do golpe, o que gerou uma grande reação na população, com pessoas que apoiavam o presidente, mas, principalmente, pessoas que condenaram a fala de Bolsonaro (Comemoração [...], 2019).

A fala do presidente teve um grande impacto, como mostra o aumento de buscas sobre o termo “ditadura militar” no Google, após a fala de Bolsonaro (Carvalho, 2019). Então, mesmo com as comemorações não acontecendo e a maior parte da sociedade condenando a exaltação do golpe, a fala do presidente gerou uma grande busca sobre o tema. Essa e outras falas positivas sobre o regime militar, lembrou a todos, historiadores e a população, que a Ditadura Militar ainda é uma tema em constante disputa e a ascensão da extrema direita ao poder deixou mais claro que ainda precisamos

⁴⁷ <https://www.instagram.com/historiapiyata/>

⁴⁸ https://www.instagram.com/historia_preta/



debater muitas questões sobre o período.

Ditadura Militar no Brasil: pensando a questão das narrativas históricas por meio do podcast História FM

As discussões históricas sempre se ligam a questões que são pungentes dentro da sociedade, ou seja, a história é movida pelas questões sociais, culturais e políticas da cada momento. Por isso, vemos que alguns temas parecem gerar mais debates, como os mais recentes e traumáticos, que se ligam à vida e à memória das pessoas. Esse é o caso da Ditadura Militar (1964-1985), período da História do Brasil que é marcado por uma pujante e rica historiografia e, ao mesmo tempo, pela construção de diferentes narrativas, produzidas por distintos setores sociais, que mostram as divergências e convergências que existem sobre esse período. O governo do então presidente Jair Bolsonaro, 2019-2022, marcou a chegada da extrema direita ao poder no período democrático, e trouxe de volta à mídia algumas discussões sobre o regime autoritário.

Desde a Ditadura, os militares tentam esconder, omitir e negar as ações de repressão, torturas e mortes realizadas pelos agentes do governo, sobretudo quando ainda estavam à frente do Estado e tinham a capacidade de regular a mídia, o que dava um controle maior sobre a narrativa que estavam construindo (Fico, 2005; Bauer, 2014). Com a Lei da Anistia, de 1979, os militares conseguiram sair impunes pelos seus crimes e controlaram o processo de redemocratização, o que dificultou as discussões sobre as violações dos direitos humanos cometidas durante o regime. Mesmo na democracia, os militares continuam perpetuando uma narrativa que nega os crimes que eles cometeram, como fez Carlos Ustra, em seus dois livros, “Rompendo o silêncio”, de 1987, e “A Verdade Sufocada: a história que a esquerda não quer que o Brasil conheça”, de 2006 (Souza, 2022).

Por outro lado, o fim da ditadura trouxe uma reestruturação política para a sociedade brasileira, o que nos anos 2000, levou a “alterações substanciais nas políticas e medidas de memória implementadas pelos governos brasileiros, as Forças Armadas, paradoxalmente, conservavam resquícios de continuidade, em diferentes graus, com seu



pensamento de anos anteriores” (Bauer, 2014, p. 230). Com as manifestações de 2013, que levaram ao impeachment da presidenta Dilma e ascensão da extrema direita na política brasileira, discursos que antes eram comuns apenas em ciclos fechados de militares, ex-militares e grupos de extrema-direita, passaram a se tornar frequentes na população brasileira, o que mostra a continuidade na narrativa dessa parcela da população (Duarte, 2022). O revisionismo e o negacionismo cresceram e passaram a fazer parte do cotidiano das pessoas, falas em defesas dos militares voltaram a aparecer na mídia, em redes sociais e em canais no YouTube.

Com a chegada de Bolsonaro ao poder, mesmo membros do governo se posicionaram a favor do Golpe de 64, o que ajudou a legitimar ainda mais os discursos e narrativas da extrema direita, da qual eles fazem parte. Se falou até em apagar dos livros didáticos os conteúdos que falavam sobre o golpe, das perseguições, torturas, mortes e outros crimes que membros do governo militar haviam cometido. Também houve o incentivo à denúncia de professores que falassem sobre o tema, chegando até a casos de perseguição e ameaça (Duarte, 2022). Essas ações por parte do ex-presidente e membros do seu governo mostram como a educação é sempre pautada por disputas políticas, momentos como esse ressaltam a importância da ocupação de espaços públicos por historiadores, para que narrativas negacionistas sejam confrontadas.

Mesmo após 60 anos o discurso dessa parcela da população, que é tão presente e influente na política do país, segue tendo as mesmas características: o medo de que os comunistas tomassem o controle do país em 1964, que as torturas e mortes foram casos isolados realizados por oficiais de baixa patente e não ordens oficiais do governo. Negam também que a tortura foi um processo institucionalizado pela ditadura, que tinha como função a obtenção de informações, confrontar e fragilizar inimigos do regime. Devido ao modo como se deu o processo de redemocratização no Brasil, foi possível a construção de um discurso que apontava como revanchismo qualquer tentativa de levar à justiça os militares por seus crimes e que falasse de políticas públicas e de reparação para as famílias das vítimas do regime. O objetivo dos militares foi uma total superação da



ditadura, deixar para trás tudo aquilo que ocorreu no período e focar no futuro do país, pois para eles a Lei de Anistia já havia resolvido todas as questões que poderiam ter ficado abertas naquele momento.

As marcas dessas continuidades foram explícitas. Para os militares brasileiros, os anos 2000 iniciavam-se sem mudanças significativas em suas avaliações sobre a ditadura civil-militar e sobre as medidas de memória implementadas pelos governos transicionais e administrações democráticas, considerando-as como evidências do “revanchismo” da “esquerda” em relação ao passado ditatorial (Bauer, 2014, p. 230).

O negacionismo aparece como uma das principais ferramentas e formas de ação dos militares, ele se trata de uma forma de provocar engano e usufruir de vantagens que se ganham com a distorção de acontecimentos, fatos, conceitos, metodologias e teoria (Bauer, 2014). Existe uma forte tendência de ataque a instituições de ensino, professores ou qualquer outro espaço ou figura que se ligue ao saber científico. Esses ataques buscam deslegitimar a ciência como um todo, a desacreditando, assim como os seus representantes frente a sociedade. Ao mesmo tempo, eles se colocam como portadores da verdade, da versão definitiva da História, neutros e longe da influência de qualquer ideologia.

Neste contexto, o historiador Icles Rodrigues, que é doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), criou em 2015 o canal no YouTube *Leitura Obriga HISTÓRIA*, pensando na divulgação científica da História para um amplo público. Rodrigues (2019) ressalta como as eleições de 2018 impactaram o alcance da produção de vídeos para o canal, com temas como esquerda, direita e facismo se tornando os mais assistidos, em vista da polarização que a sociedade brasileira vivia naquele ano devido a eleição presidencial. Com base nas altas visualizações de alguns vídeos que tratam de conceitos históricos, o historiador percebeu que esses temas são muitas vezes vistos como assuntos já bem definidos e estabelecidos pela e na academia, mas para o grande público são temas de grande interesse e dúvida. Assim, o historiador foi ao longo dos anos percebendo aquilo que mais funcionava e dava visualizações para o seu canal, focando tanto nos temas de seu interesse quanto nas demandas que são



apresentadas pela população brasileira, isto é, o público passou com o tempo a influenciar diretamente na produção dos conteúdos.

Em 2019, observando as novas tendências de consumo e formatos de mídia que estavam em alta, Rodrigues expande a sua produção e cria um podcast, o História FM, com o objetivo de ocupar um outro espaço e continuar a divulgar a história para um grande público. O podcast fala sobre diversos temas históricos e sempre conta com a participação de especialistas sobre o assunto que está sendo discutido, como o episódio 003 - Revisionismos sobre a Ditadura Militar, que conta com a participação de Ricardo Duwe e Clarissa Grahl. Então, nesse novo formato Rodrigues focou em produções mais longas, com episódios de mais de uma hora, nos quais ele por meio de perguntas vai guiando a conversa com os convidados, como se fosse uma entrevista. A duração maior dos episódios permite discussões mais aprofundadas, com um debate historiográfico mais elaborado, usando conceitos e problematizações históricas.

Tendo vista que além da divulgação da História o podcast também é uma ferramenta de ensino, que permite que pessoas de diferentes idades, gêneros, locais e posições políticas tenham acesso ao debate historiográfico mais recente sobre diversos temas, o podcast permite que a História de uma forma mais acessível chegue para esse grande público, que tem interesse, curiosidades e mesmo a vontade de aprender mais sobre história sem precisar frequentar o ambiente escolar ou acadêmico. Deste modo, devemos pensar em como esses conteúdos históricos produzidos para a internet são consumidos e influenciam na construção de consciência e narrativas históricas.

Essas questões sobre o ensino e a aprendizagem histórica são pensadas pelo campo da Didática da História, área que passou por um processo de reestruturação e expansão na Alemanha no fim da década 1960 e início de 1970 (Saddi, 2012), que trouxe reflexões sobre como esse campo não deveria ser relacionado exclusivamente ao ambiente escolar, mas que também era função da acadêmica pensar sobre as formas em que a História é ensinada e aprendida. Tendo em vista que cada ciência possui características próprias que



exigem um estudo específico quando se pensa as maneiras em que seus conteúdos são aprendidos e ensinados.

Cerri aponta que “o foco da Didática da História passa do ensino para a aprendizagem, os fenômenos pelos quais se interpreta o tempo e se produzem representações e discursos sobre a identidade pessoal e social no tempo são englobadas no seu campo de estudos” (2009, p. 151). Partindo dessa perspectiva, a internet e as redes sociais vem ampliando ainda mais as reflexões dessa área, pois as produções históricas que aparecem na mídia, como em podcasts, blogs e redes sociais, são marcadas por narrativas e disputas de indivíduos com diferentes posições sociais, políticas e econômicas, que contribuem para a reelaboração da consciência histórica da população, que não é estática e está sempre se transformando e ganhando novas formas de ver e narrar o mundo.

Rusen (2006) já apontava a relação da Didática da História com produções históricas que são criadas fora do meio acadêmico e escolar:

A didática da história agora analisa todas as formas e funções do raciocínio e conhecimento histórico na vida cotidiana, prática. Isso inclui o papel da história na opinião pública e as representações nos meios de comunicação de massa; ela considera as possibilidades e limites das representações históricas visuais em museus e explora diversos campos onde os historiadores equipados com essa visão podem trabalhar (Rusen, 2006, p. 6).

Essa relação da história com a opinião pública fica ainda mais evidente nos dias atuais, com a internet e as redes sociais possibilitando que as pessoas discutam história e exponham as suas opiniões em ambientes diversos e que possuem um grande alcance. A produção de conteúdos históricos por profissionais e não profissionais torna possível e até mesmo necessário que se realizem estudos sobre esses conteúdos, seus formatos, seu alcance e sobre as narrativas que estão presente neles, pensando na forma como elas são elaboradas e relacionam as questões do presente com o passado e do passado com o presente.

Neste sentido, os episódios do História FM, serão analisados pensando nas construções narrativas que o podcast apresenta para seus ouvintes, isto é, a forma como a



narrativa de diferentes grupos foi incorporada e trabalhada pela historiografia. O corpus da pesquisa é composto por quatro episódios do programa que falam sobre a Ditadura Militar, que estão em destaque na tabela abaixo em negrito, mas ao todo o podcast possui no momento sete episódios sobre a ditadura. Foi feita a seleção destes quatro episódios em específico pensando em fazer uma análise comparativa entre eles, em vista da ditadura ser abordada em todos eles do Golpe de 1964 até a redemocratização, o que resulta em um modo mais linear de apresentar o período e permitirá uma análise comparativa de temas que são recorrentes nos episódios selecionados. Os outros três episódios possuem uma abordagem mais diferente da ditadura falando sobre a corrupção, tortura e atendados que ocorram durante o regime.

Tabela 1 - Episódios do História FM sobre a Ditadura

Número e título do episódio	Ano de lançamento	Convidados	Duração
003 - Revisionismos sobre a Ditadura Militar	03/06/2019	Ricardo Duwe e Clarissa Grahl	2:22:17
079 - Ditadura Militar: dos antecedentes do golpe ao AI5, 1961-1968	13/12/2021	Carlos Fico	1:01:47
090 - Ditadura Militar: do AI-5 ao fim da Guerrilha do Araguaia, 1968-1974	28/03/2022	Ricardo Duwe e Mariana Joffily	1:27:32
114 - Ditadura Militar: do governo Geisel ao fim da ditadura, 1974-1985	30/10/2022	Ricardo Lohn e Ricardo Duwe	1:51:47
130 - Corrupção na Ditadura: os escândalos do regime	27/03/2023	Pedro Campos	1:16:56

164 - Atentados na Ditadura: os atentados terrorista da extrema-direita	01/04/2024	José Airton de Farias	1:10:46
165 - Tortura na Ditadura: a face mais brutal da repressão	15/03/2024	Vitor Soares	1:04:35

Fonte: Tabela elaborada pela autora com dados do Spotify.

Os episódios são analisados com base na discussão acerca da Ditadura Militar à luz da produção historiográfica sobre o tema e da Didática da História, tendo sempre em mente a possibilidades e limites que o podcast apresenta enquanto uma ferramenta educativa. A partir disso, os quatro episódios serão avaliados com base nos quatro tipos de narrativas históricas definidas por Rusen (2010): tradicional, exemplar, crítica e genética. Essa metodologia já foi utilizada para analisar a forma como a Ditadura Militar é abordada em livros didáticos (Rodrigues Junior; Seba, 2019) e para analisar canais no YouTube que falam sobre História (Rodrigues Junior, 2022).

Rusen define, deste modo, quatro tipos de geração de sentido histórico, isto é, formas de interpretar a história que os indivíduos podem desenvolver ao longo da vida, que vão permitir que eles interpretem o passado, relacionem ele com o presente e possam assim compreender o momento em que vivem. Essa divisão é uma tentativa de explicar de que forma os indivíduos apreendem a história e se orientam no tempo, fazendo uma relação entre a história e a vida prática. Para Rusen a estrutura da narrativa se dá “mobilizando a memória da experiência temporal, por meio do desenvolvimento de um conceito de continuidade e pela estabilização da identidade” (Rusen, 2010, p. 98), ou seja, a narrativa, que é uma das competências da consciência histórica, funciona como

Revista Espacialidades [online]. 2025, v. 1, n. 1, ISSN 1984-817X



ummeio de indivíduos e grupos se constituírem socialmente e historicamente, criando a sua identidade e forma de interpretar o mundo.

A narrativa tradicional busca relacionar as tradições com condições que os indivíduos vivem no presente, no sentido de confirmar as relações cotidianas do presente com o passado, nesse caso o tempo adquire um sentido de eternidade, buscando uma origem para questões do presente. Depois temos as narrativas exemplares, que “concretizam as regras e os princípios abstratos, contando histórias que demonstram a validade destas regras e princípios em casos específicos” (Rusen, 2010, p. 100). Deste modo, as identidades são construídas com base na generalização de experiências do tempo em regras de conduta e o tempo aqui ganha o sentido de extensão espacial.

A narrativa crítica aparece no momento em que as pessoas passam a questionar e negar essas tradições e regras, buscando novas formas de compreensão histórica, a identidade nesse caso surge pela negação de uma continuidade tanto histórica quanto temporal, que leva a elaboração de novas condições históricas e julga o tempo (experiências humanas no tempo). Por fim, temos a narrativa genética, que “fornecem uma direção para mudança temporal do homem e do mundo, para qual os ouvintes devem, consequentemente, ajustar as suas vidas a fim de lidar com as alterações desafiadoras do tempo” (Rusen, 2010, p.102), o tempo aqui é entendido como temporalidade, com a qual os humanos se relacionam e se entendem como sujeitos históricos capazes de realizar mudanças.

Essa classificação serve para nos ajudar a compreender como as pessoas interpretam a história e constroem as suas identidades a partir dela, mas cada tipo de narrativa não existe de forma isolada. Esses tipos coexistem em uma mesma pessoa e conteúdo, como nos episódios do História FM, que apresentam mais de um tipo de narrativa. Deste modo, Rusen (2010) diz que é a relação entre as narrativas que formam a peculiaridade de obras históricas, assim, a forma como as narrativas aparecem nos episódios vai permitir um entendimento maior de como diferentes grupos ao longo do



tempo se relacionam com a ditadura, mesmo quando um mesmo grupo elabore tipos diferentes de narrativas sobre o regime.

Conclusão

A relação entre a Didática da História e História Pública na pesquisa se estabelece pelo entendimento de que o podcast é ao mesmo tempo um produto de História Pública e também um conteúdo educativo sobre história, que permite às pessoas mesmo estando fora do ambiente escolar e acadêmico aprenderem sobre a área. Entendemos que a consciência e as narrativas históricas estão em constante atualização e reformulação, conforme os indivíduos vão consumindo novos conteúdos históricos, notícias, filmes, livros e devido as suas próprias vivências. Assim, os historiadores estarem ocupando novos espaços na internet e produzindo conteúdos com rigor historiográfico é de extrema importância para combater conteúdos negacionistas que existem nesses espaços digitais.

Nesse sentido, pensando em contribuir com as discussões sobre a Ditadura Militar, vamos usar a tipologia da narrativa histórica de Rusen, verificando as possibilidades e limites que essa categorização de narrativa apresenta, ao analisar os episódios do História FM sobre o regime militar. Essa forma de análise ainda não foi aplicada a podcasts, talvez devido ao tamanho dos episódios, que tratam dos temas com um aprofundamento maior e portanto possuem uma grande quantidade de informações para serem analisadas. Por isso, essa pesquisa se delimita a estudar apenas um podcast e quatro dos seus sete episódios sobre a ditadura, pensando em apresentar uma análise mais complexa sobre o tema e entender de que forma as narrativas sobre o regime autoritário vem se construindo e como os historiadores lidam e apresentam essas narrativas.

Referências:

ABPOD. **PodPesquisas**. ABPod. 2019. Disponível em: <https://abpod.org/podpesquisa-2019/>. Acesso em: 19 ago. de 2023.



ALMEIDA, Juniele. ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. História pública: entre as “políticas públicas” e os “públicos da história”. In: **XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social**. Natal, 2013.

BAUER, Caroline Silveira. **Brasil e Argentina: ditaduras, desaparecimentos e políticas de memória**. Porto Alegre: Medianiz, 2014.

BECHLER, Rosiane; PACIEVITCH, Caroline; BONETE, Wilian; SZLACHTA JUNIOR, Arnaldo. Arranjos: laborações da História na formação docente. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, 2022.

BUENO, Leonardo Mendes; FONSECA, André Azevedo. Panorama da divulgação científica brasileira no YouTube e nos podcasts. In: **Anais do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2020.

CARVALHO, Bruno. História Pública e Redes Sociais na Internet: Elementos iniciais para um debate contemporâneo. Rio de Janeiro: Transversos. **Revista de História**, 2016.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. Estas são as pesquisas relacionadas a ditadura militar mais buscadas no Google na última semana (notícia). In: **Café História – História feita com cliques**. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/ditadura-militar-buscas-no-google/>. Publicado em: 31 mar. 2019.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de; TEIXEIRA, Ana Paula Tavares. Introdução: o lugar do historiador-divulgador. In: CARVALHO, Bruno Leal Pastor de; TEIXEIRA, Ana Paula Tavares. **História Pública e divulgação de história**. São Paulo, Letra e Voz, 2019.

CERRI, Luis Fernando. Ensino de História e concepções historiográficas. **Espaço Plural**, 2009.



COMEMORAÇÃO oficial do golpe de 64 gera polêmica no Plenário. Câmara dos Deputados, 2019. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/554276-comemoracao-oficial-do-golpe-de-64-gera-polêmica-em-plenario/>. Acesso em: 23 ago. de 2023.

DUARTE, Ana Rita Fonteles. Ditadura, comportamento e vida cotidiana no Brasil: possibilidades para o ensino de História em tempos de negacionismo. In: MENESSES, Sônia. WANDERLEY, Sonia Maria de Almeida gnatiuk. MELO, Rosilene Alves. **Ensinar com História pública: desafios, temas e experiências.** Sobral: Sertão Cult, 2022.

FAGUNDES, Bruno. O que é, como e porquê História Pública? Algumas considerações sobre indefinições. In. **VIII Congresso Internacional de História:** Bahia, 2017.

FICO, Carlos. **O regime militar no Brasil (1964/1985).** São Paulo: Saraiva, 2005.

FRAZÃO, Luana. **20 anos do iPod: Conheça a história do produto que mudou a história da música.** São Paulo: CNN Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/20-anos-do-ipod-conheca-a-historia-do-produto-que-mudou-a-historia-da-musica/>. Acesso em: 10 de outubro de 2024.

LUIZ, Lucio; ASSIS, Pablo. O podcast no Brasil e no mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais. In: **Anais do 33º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação,** Caxias do Sul, 2010.

NOIRET, Serge. **História Pública Digital.** Rio de Janeiro: Liinc em Revista, 2015.

RUSEN, Jorn. Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. **Práxis Educativa,** Paraná, 2006.

RUSEN, Jorn. O desenvolvimento da competência narrativa na aprendizagem histórica: uma hipótese ontogenética relativa à consciência moral. In. SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende. **Jorn Rusen e o ensino de história.** Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

RODRIGUES JUNIOR, Osvaldo; SEBA, Leticia. A ditadura militar narrada nos livros didáticos de história. **História & Ensino,** 2019.

RODRIGUES JUNIOR, Osvaldo. Didática da História e Tecnologias Digitais: as narrativas históricas no YouTube Edu. Recife: **CLIO: Revista de Pesquisa Histórica,** 2022.

RODRIGUES, Icles. História no YouTube: Relato de experiência e possibilidades para o futuro. In: CARVALHO, Bruno Leal Pastor de; TEIXEIRA, Ana Paula Tavares. **História Pública e divulgação de história.** São Paulo: Letra e Voz, 2019.



RODRIGUES, Icles. Usos pedagógicos para o Youtube e podcasts. In. PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. **Novos combates pela História: desafios de ensino**. São Paulo: Contexto, 2021.

SOUZA, Aécio. **A Ditadura Militar Brasileira em Podcasts: História no mundo digital e usos do passado**. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Grande Dourados, 2022.

SOUZA, Raone Ferreira de. O podcast no ensino de História e as demandas do tempo presente: que possibilidades. Rio de Janeiro: **Transversos: Revista de História**, 2017.